Deuses, Canibais e Antropólogos

ROQUE DE BARROS LARAIA

ARAWETÉ: Os Deuses Canibais*, de Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo do Museu Nacional, foi o trabalho premiado como a melhor tese de doutorado no "I Concurso de Teses Universitárias e Obras Científicas" promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). A tese foi defendida no Museu Nacional, em 1984, o Concurso realizou-se em 1985, e nós tivemos a satisfação de ter participado dos dois eventos como membro da Banca Examinadora e do Júri de Premiação. Por isto, nossa resenha tem como objetivo a reafirmação dos méritos de um trabalho, agora transformado em livro, que faz justiça a uma carreira brilhante, marcada por um rígido respeito aos parâmetros acadêmicos e um firme compromisso político com os destinos das populações estudadas. Além disto, o livro significa, como já tivemos outras ocasiões de afirmar, um notável enriquecimento da bibliografia antropológica sobre os povos Tupi.

Mas, antes de continuarmos, é necessário dizer que a nossa satisfação em discorrer sobre o livro de Viveiros de Castro prende-se, também, ao fato de que, nos meados dos anos 60, parecíamos ser um dos poucos exemplares de uma espécie em extinção, a dos estudiosos dos grupos Tupi. Nessa ocasião, a etnologia brasileira era dominada pelos pesquisadores dos grupos Jê, que se davam ao luxo de organizar reuniões na Universidade de Harvard e, também, na velha Universidade de Oxford. Os tupinólogos que nos antecederam já não mais faziam trabalhos de campo e eram ainda adolescentes os novos antropólogos que iriam reativar os estudos sobre os povos Tupi. Entre estes, surgiu Eduardo Viveiros de Castro, que foi convertido às nossas lides,

---

* VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *ARAWETÉ: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Zahar/ANPOCS, 744 pp.

Anuário Antropológico/86
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1988

após andar pelas terras estranhas dos Yawalapiti, dos Kulina e dos Yanomami.

Mais do que uma resenha, este trabalho é uma comparação dos Araweté com os outros grupos Tupi-Guarani da imensa região mesopotâmica situada entre o Tocantins e o Xingu. Mas, como ainda assim é uma resenha, colocaremos as nossas críticas que expressam concordâncias e discordâncias com o trabalho de Viveiros de Castro. Algumas destas últimas referem-se a certos pontos sobre os quais insistimos em continuar em desacordo.

A nossa tendência inicial foi a de estranhar os Araweté que, à primeira vista, parecem tão diferentes dos demais Tupi-Guarani da região. O autor aponta em seu livro elementos que indicam as diferenças dos Araweté com os demais grupos Tupi-Guarani, embora na página 23 afirme que os mesmos não apresentam "nenhuma particularidade ou anomalia importante, que os destaque da fisionomia comum dos outros grupos Tupi-Guarani do Leste Amazônico". Essas diferenças são a pobreza cerimonial quando comparada aos outros grupos; a pouca importância que atribuem à mandioca como alimento (:47); e a sistemática ausência de seres sobrenaturais tão importantes como Mahyra e Tupã, compensados, é verdade, por um panteão de inimaginável grandeza. Tais fatos poderiam ser as anomalias que negam a afirmação inicial do autor. Por outro lado, e isto pode lhe dar a razão, os Araweté são muito semelhantes aos demais Tupi-Guarani em algumas das caracterizações básicas que lhes são atribuídas. Assim é, por exemplo, que na página 184, pode-se verificar que os homens foram abandonados à sua própria sorte em função de um insulto, praticado pela mulher de uma divindade contra o seu esposo que, agastado, condena os homens ao trabalho e à morte. O autor deixa de esclarecer dois pontos: se a mulher era uma mortal, e exatamente qual a natureza da ofensa.[1] Mas a mitologia Tupi-Guarani, coletada por nós entre os Kaapor, por Nimuendaju entre os Tembé, e por Wagley e Galvão entre os Tenetehara, é bastante esclarecedora:

> De manhã, Mahyra mandou que a esposa colhesse o milho que plantara na véspera. "Você está doido – respondeu a mulher – plantou ontem e já quer colher hoje!" Mahyra ficou zangado e foi embora.

Assim, o primeiro ponto em comum entre os Araweté e os demais grupos Tupi-Guarani é a existência de uma Eva Tupi, cujo pecado foi a racionalidade, responsável pela mortalidade dos homens.

1. Diz o autor: "a natureza do insulto (*ikirã)*, que a mulher de Aranãmi lhe fez é-me especialmente enigmática. Ela jogou fora as pegadas dele – ou seja, desfez os sinais dos pés da divindade nas pedras. Não entendi por que isto foi uma ofensa".

Na página 189, o autor registra a afirmação dos Araweté de que, antigamente, só havia dia e o mundo era terrivelmente quente. Para os Kaapor, a primeira missão de Mahyra foi a de semear os vegetais, ele que nasceu de um pé de jatobá, em um mundo calcinado por um incêndio universal.

Na página 285, Viveiros de Castro nos mostra que, apesar da disposição confusa da aldeia, tão diferente da organização cartesiana da aldeia Tupinambá, existe, de fato, um pátio, importante para as atividades cerimoniais, como acontece nos demais grupos.

O autor ressalta o alto grau de solidariedade entre os membros do grupo de *siblings* (:413). Em uma análise que fizemos do parentesco Tupi, esta relação nos pareceu ser a mais importante dentro da estrutura social dos mesmos. E fica, também, evidente (:438) que a regra de descendência Araweté é tão patrilinear quanto nos demais grupos Tupi.

Enfim, utilizando o livro de Viveiros de Castro, poderíamos continuar *ad infinitum* mostrando que as similaridades confirmam a sua afirmação a respeito da não existência de anomalias a diferenciar os Araweté, apesar de sua insistência em buscar estas anomalias. Assim é que, apesar de, na página 23, como já mencionamos, fazer referência à acentuada redução da vida cerimonial, ele se contradiz e, assim fazendo, enriquece o livro com excelentes descrições de formas cerimoniais, como o "banquete místico" (:234), os rituais que envolvem a cauinagem, o xamanismo do jabuti, os *opirahé,* sem contar uma intensa atividade xamanística. Enfim, uma vida cerimonial que nada fica devendo aos demais Tupi.

A pouca importância atribuída à mandioca perde a sua consistência quando se refere (:264) à preocupação das famílias em estocar a farinha de mandioca, que possibilita aos Araweté aguardar que o milho esteja em ponto de colheita. Aliás, sempre estranhamos a grande importância que os Tupi-Guarani atribuem atualmente à mandioca quando, no mito de origem, foi o milho a planta cultivada por Mahyra.

A ausência de Mahyra é compensada por um número infinito de Maí, o que, de alguma forma, torna mais inteligível uma certa passagem de nosso diário de campo entre os Kaapor, que tomamos a liberdade de transcrever:

> Tikupã não soube afirmar como surgiu Tupã, disse que era apenas outro Mair. Então existem dois Mair? perguntamos. Muitos, respondeu Tikupã, Mair, Tupã, Kapiwan, Karó-Atã, Irapitã, Tapii-sin, muitos. . .

Refletindo sobre este texto e sobre os Deuses Canibais, só nos resta perguntar se não teria ocorrido um erro na etnologia brasileira, do qual somos

cúmplice, de ter individualizado um ser que, na verdade, é toda uma categoria sobrenatural?

O autor considera um "viés africanizante" falar de culto aos antepassados. Acreditamos que, quando se pensa em culto aos antepassados entre os Tupi-Guarani, não se espera encontrar formas religiosas tão elaboradas como as existentes entre povos asíaticos, mas busca-se apenas a explicação das relações que existem entre os vivos e os mortos – estes quase sempre antepassados – do gênero daquela que o próprio autor descreve na página 51:

> Mais raramente – o que significava uma ou duas vezes por semana, para cada xamã ativo – o clímax da canção-visão noturna trazia o xamã para fora de sua casa, para o seu pátio. Ali dançava curvado, com o charuto e o aray, batendo fortemente o pé direito no chão, ofegante, sempre cantando – era a descida à terra das divindades, trazidas por ele, o xamã, de sua viagem aos outros mundos. E com elas vim a saber depois, vinham os mortos Araweté, explêndidos como os próprios deuses passear no solo que uma vez pisaram.

Embora se utilize constantemente da uxorilocalidade como uma categoria explicativa da organização social Araweté, afirma na página 96 não crer no valor explicativo das categorias referentes às regras de residência. Por outro lado, tanto nas páginas 315 como 316, diz que a uxorilocalidade é uma regra temporária, ou apenas de aplicação política. Já que grande parte dos antropólogos não são tão cétidos a respeito do valor explicativo das regras matrimoniais, resta a pergunta: se a regra apontada é temporária, qual é a permanente? São os velhos Araweté que respondem quando afirmam que, tradicionalmente, os rapazes iam residir na seção ou aldeia da mulher, e que só após o nascimento do primeiro filho é que podiam voltar à aldeia de origem. Chamamos a isto de matri-patrilocalidade, uma forma de residência provisória que leva à patrilocalidade definitiva.

Do ponto de vista estrutural, o sistema de relações Araweté é compatível com as regras do parentesco encontradas nos outros grupos Tupi-Guarani, e o mesmo parece ocorrer com as regras matrimoniais. Existem, entretanto, neste caso, dois pontos que merecem esclarecimentos. Não sabemos quais as razões que impedem o casamento do "Irmão da mãe" real com a "filha da irmã", principalmente, quando o autor afirmou, por diversas vezes, a ocorrência do matrimônio oblíquo. O outro ponto está relacionado com a dúvida de Viveiros de Castro quando, na página 411, afirma não conseguir entender por que as uniões entre Im/fi e iP/FI reais são consideradas impróprias. Concordamos com a dúvida relativa à primeira equação matrimonial, mas acredita-

mos que existe um meio de desfazer a dúvida referente à segunda equação. Lembramos que, desde o início do livro, o autor expressa uma pouca consideração pelo valor de algumas categorias explicativas tradicionalmente utilizadas pelos antropólogos. Já fizemos referência às regras de residência, agora é a vez das regras de descendência, cuja aplicação pode explicar a dúvida relativa à segunda equação matrimonial (iP/FI). Esta é, sem dúvida, uma conseqüência do que Radcliffe-Brown costumava denominar de unidade do grupo de *siblings*. Aplicando o princípio de descendência patrilinear aos dois gráficos apresentados (:409), torna-se mais evidente e mais simples a razão pela qual a segunda união é considerada imprópria. Ou seja, o casamento dos indivíduos 23 e 24 não constitui incesto, como no caso de 5 e 6. De qualquer forma, não conseguimos entender a afirmação da existência de um paralelismo compatível com o direito sexual-conjugal da "irmã do Pai" sobre o "Filho do Irmão", conforme consta da página 417.

Concordamos com Viveiros de Castro quando, na página 74, classifica o livro de Francis Huxley (1963) como "complacente, etnocêntrico e superficial de molde a irritar muitos leitores". Quando estivemos entre os Kaapor, verificamos que muitas das informações contidas no referido livro divergiam da realidade observada. Os Kaapor explicavam essas divergências alegando que Huxley acreditava demais em seu intérprete, Chico Tembé que, provavelmente, corrigia as informações Kaapor, de acordo com os cânones culturais Tembé.

É bastante interessante a afirmação da página 195, quando se refere a um período mítico, ocasião em que diversas personagens subiram ao céu, sem passar pelos trâmites da morte. Em uma comunicação nossa, procuramos demonstrar que este é um ideal Tupi: atingir o outro mundo sem atravessar os caminhos tenebrosos, o que seria possível, como narra Hélène Clastres, "chegar à terra sem mal, sem perder a sua natureza, sua forma humana: isto é, ereto, em posição vertical". Para os Araweté, esta possibilidade, que foi concreta em suas gestas, torna-se possível – ao que nos parece – quando, devorados pelos Deuses, ressuscitam em uma forma diversa daquele abominável, de cadáver, que a morte lhes conferiu.

É preciso salientar que o mundo sobrenatural dos Araweté, apesar de sua imensa complexidade, foi muito bem analisado pelo autor, mas, apesar disto, surgem contradições, como a que ocorre na página 577, quando descreve o céu Araweté como um mundo sem inimigos, sem outros. Como coadunar esta afirmação com a da página 566, que se refere aos cantos das al-

mas masculinas, que falam de lutas nos céus contra perigosos espíritos canibais – outros que os Mai-heté?

O título do livro nos remete, fatalmente, ao problema da antropofagia Tupi e, conseqüentemente, aos rituais Tupinambá. O material dos cronistas é comparado com a experiência Araweté sobre o tema, experiência esta que em todo o decorrer do trabalho limita-se a discursos referentes ao plano cosmológico. Mas o autor está certo, apesar da ausência de relatos concretos, de que os Araweté, com certeza, praticaram a antropofagia. Parodiando o filósofo grego, temos que convir que Deuses Canibais são a expressão de crentes da mesma natureza. A discussão de Viveiros de Castro sobre o tema é brilhante, cativante, mas ainda é o alfa, a chave que abre novos caminhos (que estão sendo seguidos pelos seus alunos) e sugere um continuado repensar sobre este insondável rito que extrapola os limites do mundo dito "primitivo", do mundo "clássico" tão bem demonstrado neste livro pelas práticas dionisíacas, e chega até nós com Cristo: "Comei e bebei, esta é a minha carne e este é o meu sangue". Neste ato simbólico, a relação Araweté é invertida: eles se transformam em Deuses porque são devorados, nós porque devoramos.

A epígrafe escolhida para o capítulo final é a expressão de Anhambebe, citada por Hans Staden, justificando a antropofagia: "Eu sou um jaguar". Tal afirmação desperta-nos uma questão: se os Bororo são araras, se os gêmeos Nuer são pássaros, o que são os Tupi? Jamais um de nossos informantes respondeu como Anhambebe, mas, não há dúvida que existe uma relação muito estreita entre o homem Tupi e a onça. O matador de uma onça passa pelos mesmos rituais expiatórios realizados pelo matador de um homem. Na mitologia Kaapor as onças são homens no mundo subterrâneo, que é o inverso do mundo Kaapor. No mundo subterrâneo vivem os Aé, perigosos canibais, que, na superfície, se transformam em onças. Em suas aldeias são como os homens e existem relatos de mulheres Kaapor que se tornaram esposas de Aé. As onças matam para comer, fazem como os Tupi que não comem os seus mortos, diferentemente dos povos necrofágicos. Mesmo uma caça, quando encontrada morta na floresta, é abandonada aos urubus.

Utilizando-se de uma citação de Anchieta, o autor faz referência à tendência endogâmica do grupo local, como capaz de exorcisar o perigo de se tornar vítima da antropofagia. Tal tendência, a nosso ver, expressa o desejo dos homens de não se casarem fora. É apenas a expressão de um ideal, porque é inviável a existência de uma sociedade sem afins. É interessante notar que todos os relatos Kaapor sobre a antropofagia citam sempre as vítimas como homens que vivem no regime uxorilocal (talvez provisoriamente). Todos

foram mortos pelos irmãos de suas esposas. A uxorilocalidade aparece, então, como um mal, pois pode transformar seu participante numa vítima do sacrifício.

Para o autor – e mais uma vez concordamos com ele – tanto a vítima como o matador são partes integrantes de um mesmo sistema cultural. Em outras palavras, o inimigo também fazia parte da sociedade Tupinambá. A pergunta que colocamos é como imaginar tudo isto sem pensar em um sistema de facções agnáticas que, ao mesmo tempo, una e separe cada grupo local.

Permita o leitor que esta resenha termine com um exercício de história conjectural (tão abominada por Radcliffe-Brown): em um tempo não muito distante, um grande grupo Tupi se segmentou em uma região qualquer da Amazônia paraense. Não foi o processo de segmentação normal que desde o undécimo século vinha ocorrendo no litoral brasileiro, permitindo a grande expansão geográfica dos Tupinambá. Foi um processo diferente, com uma terrível variável interveniente, o homem branco. Após esta segmentação (presente na lembrança mítica dos remanescentes), os grupos subseqüentes buscaram reconstruir o modelo original, daí, as semelhanças que encontramos entre eles. A ocorrência desta cisão foi como a dispersão de milhares de peças de um imenso quebra-cabeça. Eduardo Viveiros de Castro reencontrou muitas das peças chaves. Muitas das perguntas que fizemos (e, com certeza, outros estudiosos dos Tupi fizeram), diante de nossos dados tão fragmentários, estão agora respondidas e foram estabelecidas as pistas que, no futuro, conduzirão a outras respostas. Em um livro extenso, mas com um elegante manejo do vernáculo, o autor conseguiu ao mesmo tempo estabelecer uma visão da cosmologia e da pessoa Tupi-Guarani e decifrar velhos enigmas. Ao invés do clássico "decifra-me ou te devoro", fez como os Deuses Araweté: devorou os enigmas e os tornou mais brilhantes.

BIBLIOGRAFIA

HUXLEY, Francis. 1963. *Selvagens Amáveis.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, Série Brasiliana, vol. 316.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: Os Deuses Canibais.* Rio de Janeiro: Zahar/ANPOCS.